

## RUTH BLANK E A VALORIZAÇÃO DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA FEMININA EM PELOTAS (1960)

LIZIANE NOLASCO FONSECA<sup>1</sup>;  
EDUARDO ARRIADA<sup>2</sup>  
ADRIANA DUARTE LEON<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas e Instituto Federal Sul-rio-grandense – [lizi.fonseca@gmail.com](mailto:lizi.fonseca@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [earriada@hotmail.com](mailto:earriada@hotmail.com)

<sup>3</sup> Instituto Federal Sul-rio-grandense – [adriana.adrileon@gmail.com](mailto:adriana.adrileon@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente resumo trata-se de uma síntese baseada em estudo desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação, na área de História da Educação (PPGE/UFPEl), que utilizou a experiência docente e cultural de Ruth Blank como mote para investigar práticas pedagógicas e movimentos de valorização da arte e da cultura locais. A professora Ruth além de fundar uma escola própria ao ensino de arte em Pelotas, na década de 1960, desempenhou um papel fundamental no incentivo às práticas artísticas de suas alunas normalistas. Muito além de ensinar técnicas ou fundamentos do desenho e da pintura, Ruth cultivava um espaço de reconhecimento e valorização das mulheres artistas locais, inserindo as produções dessas artistas no cotidiano escolar. Ao organizar visitas a exposições e ateliês, ela promovia um contato direto das jovens com a produção cultural da cidade, que se tornava, então, parte viva do processo formativo.

Assim sendo o objetivo desta comunicação é refletir sobre a valorização da produção artística feminina em Pelotas na década de 1960 e suas contribuições para o ensino de Arte, tomando como referência a trajetória que envolveu aspectos da vida, família, formação e práticas pedagógicas da professora Ruth Elvira Blank (1925-1982). Desta forma a problemática que orienta o estudo parte do seguinte questionamento: como a atuação da professora Ruth Blank, ao valorizar as produções e práticas das artistas pelotenses femininas em suas aulas com normalistas do Colégio Assis Brasil, contribuiu para a formação estética, cultural e emancipatória das mulheres em um contexto histórico de restrição social ao papel feminino?

A relevância do estudo se dá na medida em que, em um período histórico às mulheres eram reservados papéis restritos ao casamento e à maternidade, Ruth Blank introduziu práticas pedagógicas que possibilitaram às jovens normalistas contato com artistas mulheres locais, valorizando suas produções e incentivando o protagonismo cultural feminino.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa fundamenta-se em pesquisa bibliográfica e análise documental, apoiada nos referenciais de LUTDKE (1986), BACELLAR (2005) e CELLARD (2008), que destacam a importância de contextualizar documentos e registros históricos para compreender práticas e trajetórias educacionais.

Além disso, foram utilizadas as contribuições da História Oral (THOMPSON, 1998; ALBERTI, 2008), considerando entrevistas, memórias e narrativas de pessoas que conviveram com Ruth Blank em diferentes momentos. Essas fontes orais permitiram acessar dimensões subjetivas da trajetória da professora, revelando práticas e significados que os registros escritos não contemplam integralmente.

O estudo também dialoga com referenciais teóricos fundamentais: PERROT (1992), ao discutir a invisibilidade histórica das mulheres e sua luta por espaços de reconhecimento; JOSSO (2004), ao compreender a formação como resultado das experiências vividas; FREIRE (1987), ao propor uma educação libertadora que rompe com práticas opressoras e possibilita a emancipação dos sujeitos.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apontam que a atuação de Ruth Blank no Colégio Assis Brasil, em Pelotas, foi marcada pela valorização das artistas locais, especialmente mulheres, através da promoção de visitas a exposições e ateliês. Essa prática pedagógica ampliava o horizonte cultural das normalistas e possibilitava que vissem, em suas próprias conterrâneas, exemplos de resistência e protagonismo artístico.

Suas escolhas podem ter contribuído para que as estudantes se reconhecessem como agentes de transformação cultural, ainda que inseridas em uma sociedade que lhes destinava um papel secundário. Nesse sentido, a prática

de Ruth pode ser compreendida como um gesto de educação libertadora, no sentido freireano, ao propiciar uma aprendizagem que articulava sensibilidade estética, consciência crítica e reconhecimento da identidade feminina.

A mediação de Ruth Blank entre arte, cultura e formação feminina reforça as ideias de JOSSO (2004), para quem as experiências de vida constituem processos de formação integral. Para as normalistas, a vivência em exposições e ateliês representou não apenas uma experiência escolar, mas um momento formador de identidade e pertencimento cultural.

Essa prática também evidencia a crítica de PERROT (1992) à invisibilidade histórica das mulheres: ao dar visibilidade às artistas pelotenses, Ruth contribuiu para reverter processos de silenciamento, assegurando-lhes legitimidade no campo cultural. Assim, sua atuação pedagógica promoveu tanto a valorização da produção artística feminina quanto a formação crítica e sensível das alunas.

#### 4. CONCLUSÕES

A trajetória de Ruth Blank, no ensino de Arte em Pelotas na década de 1960, revela o potencial transformador da prática docente quando articulada à valorização cultural e ao reconhecimento da produção feminina. Ao destacar artistas locais e mediar o contato das normalistas com suas obras, Ruth rompeu com os limites impostos às mulheres de sua época, oferecendo-lhes experiências formativas de caráter estético, cultural e emancipatório.

Sua prática pedagógica dialoga com a concepção de educação libertadora de Paulo Freire, ao estimular autonomia, criticidade e protagonismo das estudantes, e reafirma a importância da Arte como meio de resistência social e de construção da identidade feminina.

Dessa forma, Ruth Blank inscreve-se na História da Educação como uma educadora que, ao valorizar as práticas artísticas das mulheres, contribuiu para a transformação cultural de Pelotas e deixou um legado que continua atual: a educação através da arte e a defesa da arte como experiência de formação humana e de emancipação social.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## Livros

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

BACELLAR, C. **Fontes documentais: uso e mau uso dos documentos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LUTDKE, R. **História oral e memória social**. São Paulo: Contexto, 1986.

PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Porto: Afrontamento, 1992.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

## **Capítulo de livro**

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART (Jean et al). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

## **Dissertação**

FONSECA, L. N. **A trajetória da professora Ruth Blank (1925-1982): contribuições para o ensino de Arte em Pelotas**. 2022. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.